

MANIFESTO

MUNDOS DE MULHERES E DIREITOS

Nós, sujeitas marginalizadas ao longo da história, de todos os continentes, reunidas no 13º CONGRESSO MUNDOS DE MULHERES E SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, estamos nas ruas de Florianópolis, neste 2 de agosto de 2017, para chamarmos a atenção do mundo para a luta cotidiana dos movimentos de mulheres, LGTTTQI, com deficiência, gordas, negros, indígena e feministas. Lutamos contra este sistema patriarcal, racista, capitalista, ultra liberal, fundamentalista religioso, que nos subjugua, oprime, violenta e mata. Nossa luta é PELA VIDA de TODAS AS PESSOAS oprimidas em todas as partes do mundo!

Nós, dos movimentos de mulheres, LGTTTQI, com deficiência, negros, indígena, feministas e antipatriarcais, estamos unidas, seja nos territórios quilombolas, indígenas, seja no campo ou na cidade, nas águas e nas florestas, nas escolas e nas universidades. Estamos juntas! Seguimos marchando e construindo uma sociedade justa, com igualdade e equidade de direitos para todas/es/os.

#NósMarchamos PARA DENUNCIAR

As múltiplas **violências, opressões e assédios**, físicos e psicológicos, que sofremos diariamente nas ruas, nos ônibus, nas escolas, nos espaços de lazer, na mídia e dentro de nossas casas, no campo e na cidade.

O **feminicídio**, realidade em um mundo que naturaliza e banaliza o ódio e o assassinato de mulheres pelo fato de serem mulheres. Esse crime faz do **Brasil o 5º país que mais mata mulheres no mundo**.

As violações das nossas vidas provocadas por um modelo de Estado patriarcal e capitalista presente em todos os continentes, que se fundamenta na conformação dos nossos corpos em objetos e mercadorias.

A **omissão dos governos**, a inexistência de políticas públicas e de estrutura para o enfrentamento efetivo das violências contra as mulheres em diferentes partes do mundo.

A ausência de mulheres em espaços importantes de poder e decisão como reflexo do modelo de política e representação patriarcal vigente no mundo, composto por homens brancos, cis, heterossexuais, de classes média e alta e sem deficiências. As mulheres ainda são discriminadas e boicotadas.

A **cultura do estupro**, que culpabiliza as vítimas, mantém os estupradores impunes e naturaliza a violência sexual, a exemplo dos estupros contra as mulheres, além daqueles chamados "corretivos" contra lésbicas, pessoas trans e não-homens cis.

O **racismo** que estrutura a sociedade, produz e reforça as desigualdades sociais. A **discriminação racial** que violenta e mata principalmente as **pessoas negras e indígenas** com as armas do Estado e do capital.

A **expropriação violenta de terras, sementes e recursos ambientais** das mulheres do campo e das florestas pelo agronegócio. A expropriação dos filhos de mulheres quilombolas, indígenas e de camadas populares como recurso para atingir e fragilizar essas comunidades.

A **exploração** de nossas economias informais e de nossos corpos pelo capital e pelo mercado, e a **criminalização** de nossas migrações em busca de melhores condições de vida pelas organizações internacionais e pelos Estados nacionais.

As **guerras, desastres e crimes ambientais** que nos obrigam a abandonar nossas casas sem qualquer perspectiva de vida digna para nossas famílias em outros lugares.

A **desigualdade salarial** que faz com que as mulheres sejam remuneradas com até 45% de diferença em relação aos homens no mundo, sendo a diferença de 26% na América Latina e 32% no Brasil, dependendo do setor de trabalho. (Fontes: CEPAL; Relatório Global OIT - 2016/2017). Além das dificuldades encontradas pelas pessoas pretas e trans que não respondem ao padrão de "boa aparência" e, embora capacitadas, não conseguem boas vagas de emprego.

As **violências econômicas**, que aumentam nossa dependência financeira e, conseqüentemente, nossa vulnerabilidade diante da opressão. O extremo mais brutal dessas violências são os assassinatos, particularmente de pessoas negras, e o **feminicídio - que contempla mulheres cis, trans e homens trans**.

A invisibilização e a não remuneração das **tarefas domésticas e de cuidados**, e o não reconhecimento da **função social das mães**. A naturalização dessas responsabilidades como exclusivas das mulheres nos obriga a reproduzir a **exploração classista e colonial** entre nós. Para ir ao trabalho, dependemos de outras mulheres. Para migrar, dependemos de outras mulheres.

O **fundamentalismo religioso**, presente nos Estados, na política e nas escolas, desrespeitando as diferentes culturas, formas de viver e restringindo as liberdades individuais e coletivas. E por isso, também repudiamos a criminalização da discussão de gênero no Brasil e em diversos países do mundo.

A criminalização do nosso **direito ao corpo** e ao **aborto irrestrito e seguro**. Lutamos pelo direito à **interrupção da gravidez** e pelo acesso ao serviço de saúde gratuito, para que nenhuma pessoa que engravida, sejam meninas, mulheres ou homens trans, sejam obrigadas a assumir uma maternidade indesejada ou fruto de um estupro.

#NãoEstamosTodas

Estão ausentes as **VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO**, mulheres assassinadas violentamente ao ritmo assustador de 13 (treze) por dia no Brasil.

Estão ausentes as **MULHERES MORTAS PELO RACISMO** e as vítimas da intolerância religiosa.

Estão ausentes **PESSOAS TRANS, TRAVESTIS, LÉSBICAS e BISSEXUAIS** assassinadas por crimes de ódio, sendo o Brasil o país que mais mata transgêneros no mundo.

Estão ausentes as **PRESAS POLÍTICAS**, as **MILITANTES** e **ATIVISTAS** vítimas da criminalização dos movimentos sociais e sindicais.

Estão ausentes as **PERSEGUIDAS** e as **ASSASSINADAS** em nosso território por defender a terra e seus recursos; as mulheres presas por delitos menores, criminalizando as formas de sobrevivência, enquanto crimes corporativos e o tráfico de drogas permanecem impunes e debatidos superficialmente porque beneficiam o capital.

Estão ausentes as **TRABALHADORAS DO SEXO, AS REFUGIADAS**, as **PESCADORAS, RIBEIRNHAS** e **QUILOMBOLAS**, cuja existência e resistência é invisibilizada.

Estão ausentes as **MORTAS** e as **PRESAS** por realizar abortos inseguros.

#NãoEstamosTodas

#NãoEstamosTodas

#InternacionalFeminista

Nós tecemos um novo internacionalismo. A partir das situações concretas em que vivemos, interpretamos a conjuntura e vemos que, diante do avanço neoconservador e fascista na região e no mundo, **o movimento que agrega as mulheres cis, hétero, lésbicas, prostitutas, bissexuais, trans, homens trans, bixas, pessoas trans não binárias e toda população LGBTTTQI, pessoas pretas, pessoas com deficiência, prostitutas, gordas e do campo, emerge como potência de alternativa.**

Há séculos as mulheres do mundo marcham e a cada ano sentimos mais forte a necessidade de estarmos articuladas nos cinco continentes. A partir desse movimento, outros movimentos sociais emergiram, como os movimentos **LGBTTTQI, das pessoas com deficiência, das pessoas gordas, das profissionais do sexo etc.**

Diante das múltiplas desapropriações, das expropriações e das guerras contemporâneas que têm a terra e os corpos das mulheres e **outros corpos marginais** como territórios favoritos de conquistas, **nós nos solidarizamos e nos incorporamos política e espiritualmente às lutas em todo o mundo.**

Defendemos um mundo onde as escolas sejam inclusivas e livres para a socialização e produção de conhecimentos múltiplos, onde não se naturalize e reproduza desigualdades, discriminações de quaisquer tipos e onde nossas crianças e jovens não sejam formatadas em mão-de-obra barata.



Lutamos para que todas as pessoas tenham seus direitos garantidos e não retrocedidos e subjugados por políticas que defendem os interesses das classes privilegiadas.

Queremos um mundo em que todas as pessoas e seres sejam respeitados como entidades plenas de sentido e cooperação mútua, e não tratadas como recursos de exploração.

Nós, mulheres cis, hétero, lésbicas, bissexuais, trans, homens trans, bixas, pessoas trans não binárias e toda população LGBTTTQI, pessoas pretas, pessoas com deficiência, prostitutas, gordas, quilombolas, indígenas, seja no campo ou na cidade, nas águas e nas florestas, nas escolas e nas universidades, **MARCHAMOS JUNTAS** por nenhuma a menos e até que todas/es/os sejamos livres!